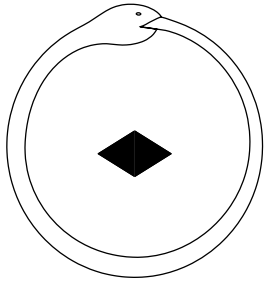




VIVÊNCIA COM SILVANETE
Mulheres, Plantas e Cura



cadernos
SELVAGEM



VIVÊNCIA: MULHERES, PLANTAS E CURA

Foi longo este caminho até Silvanete. Ele começa com a vegetalização dos livros da Dantes Editora, com a experiência na floresta junto aos pajés Huni Kuin, e com o próprio Selvagem, na criação de espaços para correspondência entre saberes tradicionais, científicos e artísticos.

No caminho para Silvanete, encontramos com Ana Carvalho e Marília Nepomuceno, que trouxeram o [caderno das plantas medicinais](#), inaugurando os [Cadernos Vegetais](#) dentro do Selvagem.

Esta vivência foi sonhada desde 2021, depois do primeiro ciclo *online* Mulheres, Plantas e Cura, e ela veio a acontecer agora, no território de Silvanete, com a intenção de fazer uma oficina de agrofloresta de óleos essenciais.

Falamos tanto que somos floresta, que somos natureza, e a vivência em Silvanete provocou um mergulho na floresta interior de cada uma de nós. Um aprendizado profundo na condução desse caminho para um encontro com nós mesmas. A condução ao reconhecimento dos nossos dons. A condução pelo fogo, pela vela, das nossas intenções e desejos verdadeiros.

Foi muito especial viver esse mergulho com tantas amigas, com tantas pessoas maravilhosas.

Pessoas-irmãs que ouviram o chamado de se reunirem na Serra dos Pau Dóias, em Exu, Pernambuco, em setembro de 2022.

Aqui nossos registros particulares e coletivos.

As fotos são da Elisa Mendes, salvo as fotos das folhas no destilador, do hibisco vermelho ao lado da Bel Lobo, da árvore com olho ao lado da Kasia, das duas fotos da página da Alice, das folhas de Camunze ao lado da Natasha, das folhas ao lado da Marília e a casa rosa de Silvanete. Essas são da Mari Rotili. O retrato da Cejana quem fez foi a Flavia Aranha. A foto da Roseli é uma *selfie*.





A imersão presencial do II CICLO MULHERES, PLANTAS E CURA propôs uma vivência coletiva junto a Maria Silvanete Lermen, no sítio onde vive com sua família, no alto da Chapada do Araripe, Serra dos Pau Dóias (Exu-PE) – território ancestral que abriga mais de 186 sítios arqueológicos, terra onde também nasceu Luiz Gonzaga, paisagem de história e encantamento.

Ao longo de seis dias, as pessoas participantes foram convidadas a um mergulho profundo em dinâmicas de educação popular e autoconhecimento.

Território de restauração e regeneração, referência de prática agroflorestal no país, a agrofloresta criada e manejada por Maria Silvanete, seu companheiro Vilmar Lermen, suas filhas, Fernanda e Débora, e filhos, Jeferson e Pedro, se apresenta como um manto verde germinado na paisagem do semiárido pernambucano, onde abundam centenas de cultivares, plantas medicinais, árvores, abelhas e outros seres que ali habitam, convivem e transformam o ambiente em busca de um bem viver.

Maria Silvanete Lermen é educadora popular, orientadora em saúde comunitária, benzedeira de mãos postas, orientadora de portais ancestrais, agroflorestora, praticante e pesquisadora das vivências dos povos.

Vilmar Lermen é agricultor agroflorestal, sindicalista, presidente da Agrodóia, mestrando em extensão rural na Univasf, e morador da Serra dos Pau Dóias, Chapada do Araripe, Sertão do Araripe, Exu, Pernambuco.



“Quem sou eu enquanto mata?”

Alice, Andréia, Anna Dantes, Ana Paixão, Bel Lobo, Carlos Papá, Cauê, Cejana,
Chris Barra, Cris Takua, Debora, Djeguaka, Duda, Edite, Elisa, Fernanda,
Flavia Aranha, Jó, Josanys, Ju Nabuco, Kasia, Leiliane, Mada, Mari Rotili,
Marilia, Natasha, Pedro, Roseli, Silvanete, Vilmar.



A comunicação do universo, ele se comunica direto conosco, nós só precisamos deixar, permitir, quando nós nos permitimos a gente passa a enxergar mais, a enxergar de fato, não ver, enxergar, e aí a gente passa a entender. É como se o elo fosse fechando, é como se ali agora eu entendi, agora vai. Isso não é de uma hora para outra não, mas sentir que nós temos essa capacidade é bom demais, porque você já está aberto para estar mais atento a ver mais, a observar mais.

Maria Silvanete Lermen



As plantas vão nos acompanhando e a gente precisa só sentir, observar melhor. Por que que ela veio? Ela veio porque ela tem ligação com você, qual é essa ligação? Quando a planta vem e surge no teu quintal isso é muito importante, para que serve essa planta? Eu não plantei, mas ela chegou e aí faz o histórico da planta, esse histórico é muito bom porque alguém vai precisar, às vezes vai ser você, mas às vezes é alguém que tu conhece que vai entrar em contato contigo dizendo que estava sentindo tal coisa e tu tá com a solução ali.

Maria Silvanete Lermen



Encontro das Torres com a permissão da abertura de portais partejado na Teia com a partilha em Rede é o momento mais sagrado de uma vivência que vem junto todo os encantados que nos nutrem e nos permitem mergulhar nos mais sagrados dos saberes.

Mergulhado pelo cordão umbilical que nos guia de volta pra casa para a nossa essência de raízes, valores e pertença. A vivência não é, e nunca será, o campo de medição de forças, mas sim a raiz pivotante que nos alimenta com o que há de mais sagrado, parindo filhas e filhos da Terra com seus dons e encantos prontos para atuarmos nos diversas campos que estejam em desequilíbrios, nos tornando antenas/lanternas a qualquer desigualdade. Vivenciar a ancestralidade é partejar a vida sem perder a ternura, assim senti.

Maria Silvanete Lermen



A vivência realizada aqui nos trouxe uma oportunidade de refletirmos sobre uma série de aprendizados como a ancestralidade, o cuidado com as pessoas e com a natureza, a integração dos saberes acumulados, a construção de novas formas de utilizarmos esses saberes nos métodos de cura, na autoestima, na valorização do cosmos como um todo, como Ernst Götsch fala da questão da sintropia.

Nesse sentido, foi importante ter a participação de pessoas de vários lugares do mundo, dessa integração de pessoas de diferentes idades, de orientação religiosa ou de gênero, que são importantes para construir essa vivência, essa harmonia e essa paz para que, assim, possamos resolver os conflitos que existem nessa humanidade e na sociedade. Que a gente construa a partir dos diálogos e das práticas, das formas de conviver – no nosso caso conviver com a semiaridez – da agricultura familiar, da produção de alimentos saudáveis, das diferentes formas de vida.

Nós somos parte desse grande organismo e somos também um mecanismo de transformação e união de todos os saberes que a humanidade e o criador construíram ao longo da história.

Foi muita satisfação receber esse grupo aqui e participar integralmente desse processo. Vivenciamos o dia a dia e estamos juntos nessa construção. Esperamos ter outras vivências como essa, sempre aprimorando e qualificando cada uma dessas intervenções e a participação de cada um e cada uma.

Vilmar Lermen



Nessa imersão trabalhamos com vários olhares voltados aos cuidados, ancestralidade, cultura, cura e práticas. Somos filhos e frutos dessa riqueza do saber, somos a ancestralidade que os antepassados nos mostraram. Nessa imersão as energias foram fortes, as luzes foram acendidas, dentro de mim brotaram lágrimas onde em todas as despedidas foram derramadas dizendo um até logo! A imersão foi a cura de muitas pessoas, para interpretar a si mesmo, e descobrir novos olhares.

Fernanda Lermen

14 anos, agrofloreitora, comunicadora da Agrodóia e Espaço de Vivência Maiêutica.



eu não falo de cadeia, eu falo de teia, falo de rede – o dia na voz de silvanete começa assim e continua – o plantio é no rastro da chuva, o objetivo da agrofloresta não é irrigar, a água também vai para as plantas. plantar antes da chuva, assim quando iniciar o inverno, as plantas saem. canafístula, vagem, tipo chocolate com caju, doce e trava. criamos várias opções para as formigas levarem, assim elas deixam as outras plantas em paz. o objetivo não é eliminar as formigas, mas conseguir conviver com elas, elas também precisam se alimentar. glicídia para adubar, dá flor, tem aroma. jatobá, jatobá veadeiro, araçá de veado, mamonas, colocar a folha em cima da cabeça tira a dor de cabeça, tira o sol da cabeça. tem que plantar mandioca e feijão gandú, falava padre cícero. margaridão, capim santo, cambuí. primeiro identifica o potencial, identifica as plantas nativas, as raízes ficam ao lado do sol nascente. chá forte de cambuí, existe um livro do cambuí. somos aqui e somos passageiros, temos que registrar, senão o vento leva e não sabemos onde cai. cambri, cambu, cambuí. para entrar na casa de um agricultor, precisa ter semente. somos pessoas com poderes de construir para o mesmo território, de se solidarizar. nós não somos nada sem a floresta. jequiri é bom para cobertura, depois enrola como charuto. a agrofloresta nos provoca a voltarmos à essência, para dentro de nós mesmos, redescobrir. tenho um ciclo aqui, tenho que fazer algo. angico, folhinha miúda, gonçalo alves, araçá bola, araçá boi, aroeira, pau brasil, pau dóia, ipê, manga, abacate, velame, cabeça de prego. velame faz o sangue circular melhor, olho de boi, mucumã. trabalho em equilíbrio, equilíbrio da energia. aroeira é medicina, as abelhas gostam muito. canapuru, pitaya, ingá, cedro, cajiru, carirí, jenipapo, velame, araticum cagão, pitanga, canafístula de besouro, maracujá da caatinga, palma. tem que produzir forragem para os bichos. não precisa ensinar os moradores daqui, basta provocar a memória do que já sabem. farmácia viva é um trabalho de formiguinha, o fio da esperança.

Cejana Guimarães



Fui a essa vivência com o desejo de me redescobrir para continuar existindo.

Com Silvanete e sua família linda, encontrei muito mais. Encontrei pessoas inteiras, integras. O mais puro amor em cada “detalhe”. Não só “a agrofloresta nos provoca a nos redescobrir, a buscar a essência”.

Conviver com eles em sua casa aprofundou a certeza de que a vida é simples e “as cascas construídas com o tempo em nossa memória” é que nos afastam de tanta beleza. Me permitiu enxergar a essência, “buscar as potências”, a “desacelerar para sentir melhor”, “perceber quais ervas me rodeiam”, “provocou lembranças adormecidas”.

Com o Jiquiri quero aprender a ser resiliente, quero ser adubo bom como a Gliricídia, descompactar durezas como a linda Betônica, saber ser boa cobertura como Boldo e Agave, servir de isca para proteger o que importa como a Canafistula, nutrir o solo que me enraizo como o Guandu e a Mamona.

Ser diversa como uma boa Muvuca. Cheirosa como o Gonçalo Alves. Saber acalmar como um bom chá da flor de Maracujá da caatinga. E mais que tudo quero florir linda como uma bela Murta.

Como Jó, quero “não ter o medo que o medo traz” e com suas abelhas aprender que todos somos importantes se sabemos nosso papel nessa vida.

Bel Lobo



Com muito cuidado com a palavra, assim como com a chã em que pisa, Silvanete nos atenta ao poder que trazemos de dentro de nós. Não de executar, palavra esta que carrega tanto pesar, mas de realizar, tornar real aquilo que sustentamos a partir da nossa raiz pivô-tante. A vivência que tivemos na casa e com a família de Silvanete foi daquelas experiências que fazem jus ao nome que é dado. Vivência como ato de viver, de dar, trazer e ser a própria vida. Fazer da nossa existência tessitura com outras existências, humanas ou mais que humanas. “Pensar a terra e o território como promoção de vida e do existir, para que teu remédio seja teu alimento, e teu alimento seja o teu remédio.”, alimentando e sendo alimentade, curando e sendo curade. Para mim, a impecabilidade da palavra de Silvanete foi algo que se fez notar. Não por arranjos elaborados na partitura delas, mas pela poesia da verdade que emanava e se fazia entender por todes. Encontrei ali um lugar de silêncio, para se escutar mais do que falar. E ouvindo suas falas compondo com os sons provocados pela vida no topo da serra da Chapada do Araripe, do farfalhar das folhas que cobrem o solo, do zunido das abelhas, do canto do bacurau e do crepitar do fogo, criar espaço para esse despertar a sensibilidade e “escutar nosso próprio corpo para despertar o poder de cura que está em nós”. Pois como nos provoca Silvanete, “quando a pessoa ouve demais, ela esquece de se ouvir”. Ali, com a guiança de Silvanete, fui mateira da minha própria jornada, abrindo caminhos para escutar e encontrar vida pulsante dentro de mim mesma.

Andréia de Matos Rocha



“Olhar para os solos, para as plantas e seus usos sagrados,
para o território e seu entorno”

“Precisamos nos permitir nascer”

“Preciso ouvir melhor o que chega para mim, dentro de mim”

“Abelha, rainha da polinização das nossas vidas”

Dentro do meu caderno cheio de anotações e desenhos, escolhi essas frases que mais me tocaram.

Graças à força da condução da Silvanete e a energia do coletivo, essa vivência me ensinou muito e mexeu com meu ser mais profundo.

Olhar, escutar, trocar, desacelerar, rezar, acender uma vela, entregar, cuidar.

Levo para meu dia a dia todo esse ensinamento e quero espalhá-lo pelo prédio, bairro, cidade, país, mundo.

Obrigada mulheres maravilhosas, plantas sagradas e curas cotidianas, por reflorestar o nosso ambiente.

Madeleine Deschamps



Mulheres, plantas e cura.
O alinhamento destas palavras
já me soa como um mantra.
Entoá-lo abençoa minha boca, perfuma o ar,
espalha benefícios.

No ciclo anterior, *online*, eu pouco ou nada falei, só lembro que ao final soltei: “a gente vai se encontrar sim, tá escrito nas estrelas!”. Um ano depois, lá estávamos, na caçamba de uma caminhonete mirando o céu, desenhando constelações no ar, suspirando de beleza.

Em mim a imersão começou bem antes de colocar os pés no território de Silvanete. Senti que precisava preparar meu corpo, abrir espaços, concentrar. As cores verde e laranja vinham muito. Me cerquei delas.

Fiz colares de cura com barro e miçangas. Cantei, dancei. Cochichei com as plantas do meu quintal, ficamos ainda mais amigas. Já estava acontecendo no sutil. Talvez nunca tenha deixado de acontecer, desde a abertura dos primeiros portais sonhos e canções emergem da energia desse ciclo que, como bem disse a Anna, é um lugar onde a gente quer morar.

Lá tudo era familiar. Era natural e maravilhoso estar ali com aquelas mulheres. Tanta luz. No topo da Chapada do Araripe e da abertura sensível, uma experiência profunda de conexão, educação amorosa, utopia encarnada. Tudo tramado com firmeza, numa teia tecida a muitas mãos, inspirada pela sabedoria das abelhas, sem ponta solta. E a gente ali, recebendo e conduzindo, encaminhando pelo rezo, pelo fogo e coração os partos particulares e coletivos. Magia é missão e a pivotante é o nosso cajado, escrevi no diário.

Eu amava quando Silvanete ria! Parecia que o ar mudava. A leveza vinha para todas. A sabedoria não precisa ser séria, menina. E mais uma vez lembrei que no mais profundo do sagrado há o riso, o estado de graça. Que o prazer é cura. Que é tempo de soltar o peso, confiar e fluir com o amor, que talvez seja mais um nome da dança cósmica que anima a vida.

Mari Rotili



Voltar pra casa, lembrar o cheiro, o gosto, a árvore que nos mostra o caminho de onde viemos e quem somos nós neste mundo. Mergulhar nesse cheiro como quem mergulha um rio ou uma terra muito profunda - ser raiz, tronco e seiva. Pisar nessa chã onde fomos gestadas com a leveza do cuidado e a força de todos os seres que vieram antes de nós. Reinaugurar mundos, reacordar uma sabedoria muito antiga, aqui, neste tempo, onde fincamos o chão, onde acendemos o fogo e contamos histórias, onde falamos de amor, de luta, de feridas e de regeneração. A natureza ensina o caminho. Viver é isso, afinal: “sentir um lugar, sentir um outro lugar, sentir o cheiro de um lugar, sentir o cheiro do outro e ser transformado por ele. Assim nos tornamos casa.” Cuidar é verbo coletivo.

Ana Paixão



As abelhas regeneram o guapuruvu. A vida persiste, insiste. Brota de novo.

A vida Ocupa o que estava oco, vazio.

Raiz pivotante.

Fogo & fé. Fogo & fé. Fogo & fé.

Plantar água. Cultivar fertilidade.

Defumar com mel para direcionar doçura, amor e coletividade.

Falas de Silvanete que me marcaram:

“Às vezes vemos. Mas não enxergamos.”

“Onde eu posso plantar comida para mim, para o solo e para mais seres”

“Desafiar para integrar.”

“Fazer para mim é fazer para todos.”

“Dar vida ao sujeito. Nomear as mães. Nomear as avós. Elas existem. Nós estamos vivos.”

Flavia Aranha



Nós somos uma árvore na mata, é importante identificar a árvore que tu és, quem tu és de fato para você se compreender, para você se ajudar.

Só podemos compartilhar o amor e o cuidado se nos encontramos.

Voltar para casa é ter a humildade de perceber que as origens são fundamentais para nos orientar aonde queremos ir.

Nós somos completos se percebemos a importância de cada sujeito, cada povo, a importância dessa construção coletiva.

Silvanete me fala de corpos, territórios e importância de detalhes que fazem toda a diferença. Saber, ouvir, ficar atento, em vigia.

Orar é uma ação, nós precisamos agir.

Kasia Mich



Paciência.
Um ensinamento de Silvanete: condução.

Alice Worcman



“Ser pivotante, encontrar a raiz pivotante!!
E que a gente consiga ir além dos nossos antepassados, além de nossa bisa (bisavó) e
mergulhar no escuro que é o que une todos nós.”

Anotação de uma fala de Maria Silvanete Lermen.

Maria Christina Barra



“Cada troca de pele é um chocalhinho que a cobra prepara” nos lembrou uma de nós durante a imersão.

Sob mergulhos e dinâmicas de acordamentos e (re)descobertas de nossas missões de vida e dons, em redor de mais de duas dúzias de mulheres, fomos nos costurando.

Reafirmamos juntas:

O que a gente quer, o que a gente sonha merece atenção e cuidado.

Entre trocas de peles, renovações ou chamados, costuramos 7 enormes e sutis dias em cima da Chapada do Araripe, através do que Maria Silvanete acordou chamar “raiz pivotante”.

Daquele alto, descemos profundo em gesto de respeito e cuidados. E viramos presencialmente a chave mestra desse ciclo de Chã Selvagem entre MULHERES PLANTAS E CURAS que foi capaz de nos reinaugarar sob a égide de uma ecologia da atenção, do tato e do cuidado, educando nossas atenções entre nossos campos de trajetórias, histórias, redes e vidas, sob um horizonte ecológico e relacional.

Marília Nepomuceno



A vivência para mim foi muito especial, chegar e me deparar com a figura de Silvanete que a cada dia que se passou a admiração por sua pessoa só cresceu, foram muitos aprendizados e pontos muito marcantes. Em um momento Silvanete disse algo como “Nós precisamos nos libertar de nós mesmos, de coisas que nós criamos e a gente vai se fechando” e essas palavras definiram meu propósito ali, me libertar de mim, me reequilibrar, reencontrar minha essência, e que com esse trabalho sob a guiança de Silvanete pude enxergar os pontos que precisava olhar, voltei para casa com a mente aberta, algumas lições para colocar em prática e levar para a vida.

Natasha Leão



Na Serra do Araripe, entre o Ceará, Pernambuco e Piauí, a 900 metros de altura, se estende uma cordilheira reta, compacta, rígida, com mais de 170 km de comprimento. Terra indígena, sítio paleontológico, Cariri. Um acidente geográfico, um fundo de mar de bilhões de anos, onde Seu Antonio Alencar nos conta, que até a ciência acredita, que foi aqui onde as primeiras cianobactérias apareceram, e com elas, a vida. É aqui, em cima da chapada, onde o sol reina forte e incessante, que vive Silvanete e sua família. Quando chegaram, não tinha água, não tinha luz. Hoje, essa pequena agrofloresta, é um oásis com brisa, pássaros, bichos e cura, no alto do meio do semiárido brasileiro. A chuva que cai aqui não para. O lençol freático está tão lá embaixo, que não dá poço. A água é guardada na caixa d'água (Lula) bombeada a luz (Lula). Quem trouxe foi Silvanete e Vilmar, seu marido. Passamos sete dias dentro da casa dessa família. Aprendemos sobre a vida, sobre manter a vida viva, a chama acesa, a abelha polinizando, a folha da Mamona que nos dias quentes “tira o sol na cabeça”, o caminho das formigas, o rastro da chuva, o Pau Doia em pé, o cacto em pé, as folhas no chão, a comida pra distrair o cupim. E aprendemos que todo mundo que chega é recebido por todo mundo que está. E todo mundo que vai deve ser encaminhado por todo mundo que fica. Ninguém sai como entrou e ninguém parte sem saber que foi necessário. O amor é declarado porque quando se declara amor, se sente amor. 500 anos é pouco pra quem tá na terra, Silvanete nos lembra o tempo todo tudo isso que a gente sente e que a gente quer manter vivo, vem de muito, muito antes. Silvanete é semente, é raiz pivotante, antena e brilho que acende o caminho. Gratidão. De algum modo renasci. Vi minha alegria de viver no mato, matar pernilongo, estar perto de pessoas profundas e verdadeiras. Aprendi a deixar minha fogueira acesa, uma vela, e manter nela sempre as intenções do que preciso pra manter minha chama de viver iluminando meu caminho, meus desejos e os de quem faz a travessia da vida comigo. O sertão é farto e forte pra quem sabe amar e cuidar.

Elisa Mendes



Profundos caminhos por entre a serra e a caatinga me revelaram a beleza da resistência na prática do Bem Viver.

Compartilhamento de saberes e fazeres ancestrais em relação a arte da vida, a terra e interação de seres ativos em busca de harmonia e equilíbrio.

A cada palavra ensinamentos essenciais, em cada troca um afeto de conexões espirituais e existências que nos permitiram mergulhar profundamente na vivência com plantas e mulheres em diálogo com a cura da Terra e de nós mesmas.

A diversidade nos torna fortes, resistentes. Nossas diferenças nos completam.

Cris Takuá



Nessa vivência conheci várias culturas e adquiri muitos conhecimentos.

Conheci pessoas novas e trabalhei com elas.

Recebi e conheci o poder das energias, despertei muitas curiosidades e acredito que com elas irei aprender muito mais.

Roseli Santos

14 anos



Na chapada do Araripe, distrito de Exu, epicentro da caatinga Pernambucana, verdeja o jardim de Silvanete.

É setembro. O vento sopra no solo árido do sertão anunciando a primavera. É seca. Faz calor e faz frio. No rastro da chuva, sob a sombra verdejante de cambuís e embaúbas, Silvanete e sua família cultivam uma agrofloresta biodiversa e próspera que alimenta o sonho de toda uma comunidade.

Nesse solo sagrado, o semear é partejor zeloso.

Sinto o cheiro do sertão, perfume de araçá. Vejo abelhas, mandacarus e maracujás.

É território sagrado, é Paus Doias. Memória atualizada, ancestralidade revivida.

É assim que Silvanete conduz sua narrativa.

Na voz de Silvanete:

“Quem sou eu enquanto mata?

Qual é o cheiro que existe dentro de mim?

A semente deve ser jogada no coração.

Compreendo o fato de que existo. Isso é necessário. É de direito. É transformador.

A diversidade nos torna fortes. Resistentes. Nossas diferenças nos completam.

Não ocupe os espaços apenas por ocupar, mas saiba por que está ocupando.”

Juliana Nabuco



Fiz crochê e anotações. Me embebi de mel e pólen. Adotei o creme de gergelim.
Me tornei aprendiz da vela, da reza e da escuta.

Vem ver o cheiro.

Desenhar o diálogo dos animais.

Reviver muita gente.

Unidade de formação nos mais velhos.

Fazer mais do que estamos habituadas.

Não precisa fazer tanto, pode manejar.

O povo das plantas cria os bichos.

Colabora com o desenho da floresta.

Provoca a memória do que está adormecido.

O fio de esperançar.

A biodiversidade camufla e protege.

Anna Dantes



Importante lembrar quem nós somos e de onde viemos.

A volta para casa é necessária, precisa de um mergulho profundo em nossa vida pra sabermos a nossa missão. Para estarmos sempre nascendo, mas jamais negarmos-nos. Então, saberemos a qual energia queremos alimentar.

Pois é provocando a memória de nossa raiz pivotante que encontraremos a essência da diversidade e a coexistência entre os seres. Lembrando que numa boa alquimia a diferença é a gota.

Eduarda Alves da Silva



É na volta para casa que a gente vai se encontrando e a gente vai se encontrando com aquilo que mais me deixava em paz sabe, o cheiro qual é o cheiro, que mais me deixava fortalecida eu preciso voltar buscando tudo isso e a volta para casa é justamente voltar com toda essa lembrança e se apoderar de toda essa essência e dizer eu sou capaz de mergulhar mais profundo, porque eu sei o que é que eu quero, para poder nortear para onde é que eu vou...voltar para casa não é propriamente voltar lá para onde eu nasci...

Maria Silvanete Lermen



Acolherem, alimentaram e socializaram saberes.
Gratidão!



Pedro Lermen



Debora Lermen



Edite



Josany Gonçalves



Jó (Erlanio de Almeida)



Marília Nepomuceno, brasileira nascida em Pernambuco, é uma mulher-cis negra afroindígena (lida também como parda), mãe de duas crianças. Articuladora e Produtora Cultural, Educadora Popular, Técnica em Agroecologia (SERTA), Pesquisadora formada em Ciências Sociais (UFPE) e Mestranda em Antropologia (UFPE). Entre os coletivos que integra, propõe e apoia iniciativas e diálogos entre a Ecologia Política, Relações Humanas e Mais que Humanas, e as Relações entre Territórios, Memória e Patrimônio. Pesquisadora dos grupos de pesquisa: OBSERVAMUS – Observatório de Museus e Patrimônios Culturais (DAM-UFPE); AYÉ – Laboratório Interdisciplinar Natureza, Cultura e Técnica (PPGA/UFPE); LACC – Laboratório de Estudos sobre Ação Coletiva e Cultura (UFPE); Narrativas do Nascer – Pesquisa e Extensão (DAM-UFPE).

Ana Paixão de Carvalho é artista, cineasta, técnica em agroecologia e educadora popular. Atua há mais de 20 anos junto a comunidades indígenas e povos tradicionais em todo o Brasil na pesquisa e criação artística compartilhada nos campos das artes visuais, cinema, literatura e agroecologia. É colaboradora do Vídeo nas Aldeias, projeto que apoia as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais por meio de recursos audiovisuais. Desde 2019, desenvolve pesquisa e criação em poéticas visuais investigando as relações entre memória, território, comunidades de cura e regeneração da terra. Integra Chã – coletivo da terra, que promove formação, pesquisa e práticas culturais com foco na agricultura regenerativa e justiça socioambiental, através do desenvolvimento de projetos culturais. Mãe de duas crianças, vive e trabalha na zona rural de Paudalho/PE.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Victoria Mouawad e a editoração de Isabelle Passos.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2022

